

# RELATO DO SIMPÓSIO COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: desafios da inclusão digital

Gleisy Regina Bories Fachin (Coordenadora) – gleisy@cin.ufsc.br  
Araci Isaltina de Andrade Hillesheim (Relatora) – araci@cin.ufsc.br  
Rosângela Schwarz Rodrigues – rosangela@cin.ufsc.br  
Lígia Café – ligia@cin.ufsc.br  
Esterá Muszkat Menezes – estera@cin.ufsc.br

## 1 INTRODUÇÃO

O **Simpósio Comunicação Científica**: desafios da inclusão digital, realizado no dia nove de maio do ano de 2006, em Florianópolis, no Auditório da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina, promovido pelo periódico científico **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, com o apoio do Departamento de Ciência da Informação (CIN), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN), Pró-Reitoria de Pesquisa, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A programação do SIMPÓSIO realizou-se no período matutino e vespertino, tendo em mais de 140 inscritos.

Às nove horas foi composta a mesa de abertura pelas autoridades: Prof<sup>o</sup>. Dr. Ariovaldo Bolzan, Vice-Reitor da UFSC; Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Thereza Christina Monteiro de Lima Nogueira, Pró-Reitora de Pesquisa; Prof<sup>o</sup>. Carlos Alberto Marques, Diretor do Centro de Ciências da Educação, Prof<sup>o</sup>. Dr. Francisco das Chagas de Souza, Editor do periódico Encontros Bibli; Prof<sup>a</sup> Dra. Miriam Vieira da Cunha, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação; Prof<sup>o</sup>. Dr. Gregório Jean Varvakis Rados, Chefe do Departamento de Ciência da Informação, todos da UFSC. Como mestre de cerimônia, o Prof<sup>o</sup>. Áureo de Moraes repassa a palavra para cada membro da mesa, onde todos comentaram a importância do evento e dos 10 anos do periódico Encontros Bibli. Após as falas, foi entregue ao Departamento de Ciência da Informação uma placa em homenagem aos 10 anos da existência do periódico científico Encontros Bibli: revista eletrônica em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Apresenta-se o relato das atividades realizadas durante o dia, seguida das considerações finais do evento. A seguir, o programa das atividades do Simpósio:

- a) Palestra sobre **Comunicação Científica e o Movimento de Acesso Livre ao Conhecimento**, pela professora Dra. Suzana Pinheiro Machado Mueller, da Universidade de Brasília;

- b) Lançamento do volume 21 do periódico científico Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/>;
- c) Lançamento do livro “Periódicos científicos: padronização e organização”, de autoria das professoras Gleisy Regina Bories Fachin e Araci Isaltina de Andrade Hillesheim;
- d) Palestra sobre **Arquivos abertos e a democratização da informação científica**, pelo Dr. Hélio Kuramoto, do IBICT;
- e) Palestra sobre **Scielo: uma iniciativa de acesso aberto**, pela Dra. Regina C. Figueiredo Castro da BIREME;
- f) Apresentação das **agências de fomentos e os projetos de arquivos abertos**, pelo Dr. Edgar Lanzer, Diretor Científico da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Santa Catarina (FAPESC);
- g) Reunião dos palestrantes com os editores da UFSC,
- h) Relato final.

### **1.1 Comunicação Científica e o Movimento de Acesso Livre ao Conhecimento**

A palestra de abertura “Comunicação Científica e o Movimento de Acesso Livre ao Conhecimento” foi proferida pela professora titular do Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID), da Universidade de Brasília e pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), Dra. Suzana Pinheiro Machado Mueller. Inicialmente, parabeniza os editores do periódico científico Encontros Bibli pelos seus 10 anos de existência e diz que sabe o quanto é difícil manter uma publicação periódica.

Introduz a palestra relatando que a comunicação científica concedeu às revistas o reconhecimento da ciência e dos pesquisadores. Quanto ao movimento de acesso livre ao conhecimento, que se iniciou em 2001, em Budapest, Hungria, a professora expõe que o objetivo era acelerar o esforço internacional de tornar disponível os artigos científicos, em todos os campos do conhecimento, via Internet.

A palestra abordou igualmente outros temas como: Legitimação e Legitimidade; A comunidade científica e o seu sistema de comunicação; As promessas da tecnologia; Identificação das barreiras que impedem avanços no processo de legitimação.

No que se refere aos conceitos de legitimação e legitimidade, apesar de várias áreas do conhecimento se interessarem pelo tema, cada uma trata-os de maneira um pouco diferente. Porém, há um entendimento comum na associação desses conceitos a outros, como: poder,

autoridade, consenso, crenças, normas e leis, conformidade, estabilidade, controle social, desvio, repressão.

Foram citados alguns autores que definem os conceitos legitimação e legitimidade como:

- a) Legitimidade conforma o inaceitável a normas, valores, práticas e procedimentos aceitáveis. Legitimidade pressupõe consenso (ZELDITCH);
- b) A medida da legitimidade de um poder é igual ao reconhecimento que lhe conferem aqueles que estão sujeitos a esse poder. A noção de legitimidade é própria de cada época e sociedade. Legitimidade leva a conformidade (BISSOT, 2002);
- c) Legitimidade é a crença que autoridades, instituições e organizações sociais são corretas, adequadas e justas. Quando a legitimidade de autoridades ou instituições é reconhecida, faz com que as pessoas se sintam compelidas a voluntariamente aceitarem suas decisões.

A legitimação tem como consequência encorajar as pessoas a aceitarem diferenças na distribuição de autoridade, poder, status e riqueza. (TYLER, 2006).

Ainda sobre os conceitos de legitimidade e legitimação, a palestrante afirma que Legitimação significa, literalmente, tornar legal, mas os processos que legitimam uma ação são bem mais amplos que o sistema legal. Questiona também: Quais os meios que tornam uma teoria científica ‘legítima’? Seria o autor um “cientista” legitimado por uma instituição que, por sua vez foi legitimada pelo Estado? A teoria foi publicada em um periódico “científico”, e foi “avaliada pelos pares”? Essa teoria se encaixa com outras teorias que já foram carimbadas como legítimas?

Resumindo, a palestrante destaca que a legitimação exige consenso. Já a legitimidade é um conceito eminentemente subjetivo, é a crença de que autoridades, instituições e organizações sociais são corretas, adequadas e justas, e por isso devem ser respeitadas. Os indivíduos se sentem pessoalmente obrigados a obedecer a decisões de autoridades “legítimas”.

Na ciência, legitimação é o processo pelo qual o “legislador” encarregado do discurso científico é autorizado (pela própria comunidade) a prescrever as condições que determinam se uma afirmação pode ser incluída naquele discurso científico pela comunidade científica (em geral, considerações relacionadas à consistência interna e verificação experimental). (LYOTARD apud SHAWVER, 1998)

Quanto ao tema “A comunidade científica e o seu sistema de comunicação”, Dr<sup>a</sup>. Suzana Mueller apresenta alguns autores que relacionam esta questão no âmbito da

Comunicação Científica e da Ciência. Assim, Meadows enfatiza que a comunicação está no centro da pesquisa e Ziman diz que ciência é conhecimento público e a literatura de uma área é tão importante quanto a pesquisa que ela incorpora.

A palestrante destaca os seguintes pontos referentes ao periódico científico: Papel de certificação da ciência; Sistema de avaliação pelos pares; Processo de certificação que se completa na publicação do artigo; Revistas são publicadas por editoras; Editoras têm interesses comerciais; Editoras são donas do *copyright* dos artigos. A professora acredita que a avaliação pelos pares e a publicação pelas editoras comerciais são os dois fatores que atuam na legitimação do periódico. Quando um artigo é publicado em um periódico, a ciência avança, o autor ganha prestígio, *status* e visibilidade. Assim, o processo está legitimado pela tradição.

Quando a comunidade científica é hierarquizada e uma elite detém a autoridade, ancorada em prestígio individual, conquistado por mérito, a autoridade da elite é legitimada por consenso.

O sistema de comunicação científica é a infra-estrutura da comunidade científica. Neste contexto, questionam-se quem são os “grandes” autores? São as estrelas de cada área, os autores mais renomados, os avaliadores dos trabalhos científicos, os “legisladores” encarregados do discurso científico citados por Lyotard e que foram legitimados em sua autoridade pela comunidade científica.

Foi abordado em sua fala, o fato de a organização hierarquizada prevalecer em vários aspectos da comunicação científica, o que pode ser verificado em relação ao:

- a) maior prestígio do artigo publicado em periódico indexado,
- b) predomínio do periódico indexado com maior fator de impacto,
- c) privilégio das editoras que publicam os melhores periódicos,
- d) prestígio quanto a nacionalidade, idioma usado, bases de dados que os indexam, instituições de origem, entre outros.

A palestrante afirmou, ainda, que a hierarquia está baseada em prestígio, pois os periódicos mais importantes de cada área têm frequentemente ligações com instituições mais prestigiadas. Entre seus editores e avaliadores costumam estar algumas das “estrelas” da área. Entre os autores que publicam nessas revistas, estão os mais conhecidos. As comunidades científicas são parte da sociedade em que se inserem, logo, estão sujeitas às forças e interesses financeiros das editoras, das instituições de pesquisa e universidades, interesses nacionais, políticos, econômicos e pessoais dos pesquisadores.

Destacou a crise dos periódicos científicos, em meados da década de 80, com custo cada vez mais alto das assinaturas, impossibilitando as bibliotecas universitárias a manterem suas coleções. Conseqüentemente, no intuito de buscar soluções alternativas, surgiram iniciativas pioneiras, como:

- a) *Scholarly Skywriting and the Pre-publication Continuum Scientific Inquiry* (Stevan Harnard, 1991);
- b) Arquivo de *pre-prints* em *Los Alamos* (Paul Ginsparg);
- c) *Online Journal of Current Clinical Trials* (1992) – primeiro periódico eletrônico indexado no *Index Medicus*.

Além destas, a professora destacou novas formas de publicação de acesso livre, disponíveis atualmente, como os periódicos científicos eletrônicos com avaliação prévia pelos pares, os servidores de *e-prints* para áreas específicas (repositórios para assuntos específicos), os repositórios institucionais de universidades específicas e o auto-arquivamento em páginas pessoais dos autores (BJÖRK, 2005).

Ressaltou que os periódicos eletrônicos de acesso livre começaram a aparecer no início da década de 90 e que a maioria deles são muito semelhantes ao modelo tradicional de periódico. Muitos mantêm apenas a versão eletrônica e alguns oferecem também uma versão impressa desde que paga.

Surgiu, também, uma nova modalidade de financiamento na qual autores pagam para que seu artigo seja publicado, após ter sido avaliado. Existe também a situação em que periódicos tradicionais impressos disponibilizam na Internet seus artigos, depois de decorrido um tempo da publicação impressa - geralmente de seis meses a um ano. Têm-se repositórios sobre assuntos específicos cujo objetivo é disponibilizar textos apresentados em eventos e em outros canais paralelos aos periódicos tradicionais. Os próprios autores depositam seus textos, barateando os custos de manutenção, porém os responsáveis pelos repositórios têm a tarefa de evitar que material irrelevante seja depositado. Mas, para áreas do conhecimento em que o ritmo de renovação é muito rápido, esta é uma solução bem atraente. Também existem as páginas individuais, nas quais pesquisadores disponibilizam cópias de suas próprias publicações, sendo hoje o canal mais comum de acesso aberto.

Os repositórios institucionais têm o objetivo de permitir e estimular o acesso à produção da universidade, sendo o acesso aberto a todos os interessados. Para tanto, deve reunir toda a produção científica ou acadêmica produzida na universidade, em formato digital, formando coleções de documentos digitais.

Os repositórios podem ser formados por todo tipo de documento produzido na universidade, tais como: trabalhos de professores e pesquisadores (trabalhos apresentados em congressos e reuniões profissionais, versões de artigos impressos, relatórios de pesquisa, programas de disciplinas e textos elaborados para aulas, entre outros) e trabalhos elaborados por alunos, como: teses, dissertações, trabalhos de disciplinas e de conclusão de cursos, entre outros.

A palestrante destaca que o advento dos repositórios institucionais, de certa forma, disciplina e sistematiza a atividade do arquivamento individual. Aponta a seguinte questão: “será que teremos todas as universidades do mundo mantendo repositórios institucionais abertos a todos?”. Segundo ela, esta parece ser uma solução óbvia, mas utópica.

Existe uma situação perversa onde o Estado financia a educação dos novos cientistas, desde seu início até a obtenção dos graus mais altos, seja no próprio país ou em algum dos países mais desenvolvidos. Mas, uma vez formado e pesquisando, normalmente em uma universidade também mantida pelo Estado, a pesquisa é frequentemente financiada pelas agências de fomento federais ou estaduais. Terminada a pesquisa, sua divulgação em reuniões e congressos será de novo financiada pelo Estado. Finalmente, a publicação em revista indexada poderá também receber auxílios dos cofres públicos. Ao publicar em uma revista, é hábito o autor ceder às editoras o direito autoral sobre o artigo. Uma vez publicada, entra em cena de novo o Estado, financiando as bibliotecas para sua compra. Será que esta situação é justa? Vislumbra-se um novo sistema de comunicação científica, sem o predomínio das editoras, com formas mais transparentes e abrangentes de avaliação e, com acesso mais amplo e mais fácil a todos os interessados.

Mas, em tudo isso, volta-se ao assunto da legitimação, pois, nenhuma iniciativa que não garanta a avaliação prévia pelos pares foi legitimada, no meio digital, do mesmo nível dos periódicos tradicionais. Contudo, o sistema de avaliação sempre foi muito criticado, mas nada proposto, até o momento, foi considerado melhor.

Na fala da palestrante, foi destacada a resistência das editoras que controlam o sistema de comunicação na medida em que detém o *copyright* dos artigos que publicam, as barreiras e controles para permitir o acesso apenas aos que pagam. Ressalta o fato de existirem neste meio, conflitos de interesses. Willinsky (2002) enfatiza que os interesses das editoras e dos autores divergem completamente, mas talvez não diverjam tanto no nível dos interesses da elite das áreas. As publicações eletrônicas vêm sendo legitimadas nas suas versões mais

próximas aos modelos tradicionais do periódico impresso indexado. Nessas versões eletrônicas legitimadas, as editoras continuam presentes, controlando acesso e preços.

Conclui, questionando: até que ponto as publicações eletrônicas avançaram no caminho rumo à legitimação? Interesses, nos mais variados segmentos da comunidade e fora dela, são ainda muito fortes. A avaliação prévia permanece como indispensável e, sem sombra de dúvida, já há formas aceitáveis de publicações eletrônicas no sistema da comunicação científica, sobretudo naquelas que se assemelham às formas tradicionais.

Há indicadores de legitimação no cenário brasileiro: aceitação do Portal da Capes, iniciativas do MEC, do IBICT, as bibliotecas digitais e, ações da Capes e CNPq que equiparam publicação impressa às eletrônicas (desde que pré-avaliadas e que correspondam a certos critérios).

Em suas considerações, Dra. Suzana relata vários encontros sobre o movimento de arquivos abertos, tais como:

- a) Bethesda Statement on Open Access Publishing, em junho de 2003;
- b) Berlin Declaration on Open Access to Knowledge in the Sciences and Humanities, em outubro de 2003;
- c) UN World Summit on the Information Society Declaration of Principles and Plan of Action, em dezembro de 2003;
- d) Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD) Declaration on Access to Research Data From Public Funding, em janeiro de 2004, entre outros.

Como reflexão final, afirma: “Há pouco mais de 10 anos, alguns acreditaram numa rápida revolução no sistema tradicional de comunicação científica, uma completa democratização do acesso e das funções de julgamento, uma utopia. Embora não tenha ocorrido como sonharam, acredito que há indicadores, no meio científico em todo o mundo, da formação de um consenso que nos levará a legitimação das iniciativas de comunicação científica eletrônica, talvez em vários níveis de confiabilidade e para vários propósitos, em futuro não muito distante. Parece depender, sobretudo, de nós mesmos”.

Concluída a apresentação, foi aberto o debate em torno do tema. Um ouvinte questionou sobre a legitimação: “se a gente legitima um sistema que nos faz refém, isto é um problema. Muitas vezes, os artigos provindos de pesquisas financiadas pelo poder público são publicados em meios que não são de acesso livre. O que é financiado pelas universidades tem que ser de acesso livre. Parece que o que é pago é mais valorizado”. A palestrante responde que “nós temos que aprimorar o que é conhecimento científico, ele tem que ser avaliado e é

esse consenso que o torna conhecimento científico, não é qualquer texto que é ciência. O que vale é a avaliação”. Na verdade, continua a palestrante, “a coisa saiu um pouco de controle. As editoras hoje estão apenas com o interesse comercial e não mais científico. São muitos interesses em jogo, a própria questão dos direitos autorais que passam para as editoras, e tantos outros... Talvez seja possível ter uma versão em arquivo aberto, pois o que leva o prestígio e o *status* é a visibilidade. Acredito que a avaliação prévia não vai deixar de existir. Essa situação colocada é bem complexa”.

## **1.2 ENCONTROS BIBLI: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**

Dando continuidade às atividades do Evento, foi lançado o volume 21 do periódico científico Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, disponível no endereço: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/>, desde maio de 1996.

O editor da revista, Prof<sup>o</sup>. Dr. Francisco das Chagas de Souza, professor do Departamento de Ciência da Informação (CIN), afirma com satisfação que esta revista chega aos seus 10 anos de existência e que a mesma só existe porque, em algum momento, imaginou-se que poder-se-ia ter um espaço para a interlocução entre os pares e, principalmente, da pós-graduação. Faz um breve histórico da revista, informando que começou como uma aventura editorial em 1996 e contou com o entusiasmo da professora Dra. Ursula Blatmann, do mesmo departamento, que visualizou a possibilidade de disponibilizá-la on-line. O professor Dr. Francisco comenta que a mesma começou a ser colocada dentro dos padrões de um periódico científico, após o seu quarto volume, quando foi constituída uma comissão editorial. Afirma ainda que “o periódico existe porque há pessoas que são autores dos artigos, pessoas que colaboram na avaliação destes artigos e também porque existem leitores”.

Finaliza, dizendo “que mais um volume está lançado, a disposição do mundo, dentro do espaço da virtualidade”.

Os professores idealizadores do periódico científico Encontros Bibli (Francisco e Ursula) são homenageados, pois foi uma iniciativa que se concretiza como um produto oferecido ao mundo, pelo CIN e pelo PGCIN. Cabe destacar que o CIN desenvolve projetos de pesquisas na área da comunicação científica há muitos anos e, com a implantação do PGCIN, a partir de 2003, vem intensificando a pesquisa nesta área, com o envolvimento de vários professores.

### **1.3 Periódicos Científicos: padronização e organização**

O Diretor da Editora da UFSC, professor Alcides Buss, discorre sobre a importância da publicação do livro “Periódicos científicos: padronização e organização”, de autoria de Gleisy Regina Bories Fachin e Araci Isaltina de Andrade Hillesheim, tanto para a editora como para a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Complementa que a publicação destaca o trabalho de pesquisa e sua contribuição para a área de atuação do CIN.

A professora Estera Muzkat Menezes do CIN faz um breve comentário sobre o conteúdo do livro, que apresenta um histórico da evolução do periódico científico, aborda aspectos da normalização e padronização dos periódicos e sua importância para o reconhecimento deste tipo de publicação, apresenta um modelo de avaliação de periódicos científicos e, um capítulo sobre a organização propriamente dita deste material em uma biblioteca.

A professora Gleisy, uma das autoras, afirma que o livro é resultado de pesquisa que vem desenvolvendo no CIN, desde 2000 e, contém uma parte de sua dissertação de mestrado e a experiência das duas professoras na ministração de aulas sobre periódico científico.

### **1.4 Arquivos Abertos e a Democratização da Informação Científica**

No período da tarde, foi composta uma mesa de trabalhos com: Dr. Hélio Kuramoto, Coordenador Geral de Projetos Especiais do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); Dra. Regina C. Figueiredo Castro, do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME/OPAS/OMS); Dr. Edgar Lanzer, Diretor Científico da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Santa Catarina (FAPESC), sob a coordenação da professora Dra. Miriam Vieira da Cunha, do Departamento de Ciência da Informação e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da UFSC.

Dr. Hélio Kuramoto iniciou sua apresentação mostrando o cenário mundial da comunicação científica, destacando o alto custo das assinaturas dos principais periódicos científicos, as dificuldades encontradas pelos pesquisadores no ciclo da comunicação científica tradicional, a exclusão científica e o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, alternativas para facilitar o acesso livre às informações científicas, pois nem todos têm acesso a este tipo de informação.

Fez um breve histórico do modelo *Open Archives*, tendo a experiência iniciada em 1991, no Laboratório de Los Alamos, com a implementação do repositório *ArXiv*. Citou outros repositórios, como: *CogPrints*, na área da Psicologia, lingüística e neurociências; o *Networked Computer Science Technical Reference Library* (NCSTRL); o *Networked Digital Library of Thesis and Dissertations* (NDLTD); o *Research Papers in Economics* (RePEc). Em 1999, em Santa Fé, foi criado *Open Archives Initiative* (OAI).

Apresentou, algumas definições do *Open Archives Initiative*, destacando que se trata de uma iniciativa para desenvolver e promover padrões de interoperabilidade para facilitar a eficiente disseminação de conteúdos. Esclareceu sobre algumas terminologias utilizadas no âmbito dos arquivos abertos:

- a) O termo "archive", no nome *Open Archives Initiative*. Refletindo a origem da OAI, na comunidade *e-prints*, esse termo é geralmente aceito como sinônimo para repositórios de *papers* científicos. A OAI usa o termo *archive* em um sentido mais amplo, significando um repositório para armazenar informação;
- b) OAI-PMH, protocolo para coleta de metadados. Trata-se de um protocolo de comunicação para permitir a coleta de metadados entre dois serviços, portanto o compartilhamento de metadados entre dois serviços de informação. Protocolo é um conjunto de regras de comunicação entre dois sistemas. Exemplos: FTP, HTTP, Z39.50 e outros;
- c) Coleta (*harvesting*), trata-se de um procedimento de extração de metadados de um conjunto de repositórios distribuídos remotamente e de seu armazenamento consolidado em um banco de dados;
- d) Metadados designa um tipo de dado que descreve um determinado objeto. Exemplos: título, autor, editor, resumo e outros;
- e) Provedor de Dados (*data provider*), trata-se de um provedor que mantém um ou mais repositórios, que suportam o protocolo OAI-PMH, para expor os seus metadados;
- f) Provedor de Serviços (*service provider*), trata-se de um tipo de provedor que faz a coleta de metadados para compor um serviço de informação com valor agregado. Portanto, o provedor de serviço faz o *harvesting* dos metadados expostos pelos provedores de dados.

Em sua fala, Kuramoto destaca que, quanto aos ideais e princípios dos Arquivos Abertos (*Open Archives*), estão a autopublicação; o sistema de armazenamento em longo prazo; a política de gestão, observando normas de preservação de objetos digitais; o acesso livre, inclusive para coleta e replicação dos metadados; o uso de padrões e protocolos com

vista à solução de interoperabilidade entre as bibliotecas digitais e, o uso de *software open source*.

Afirmou, ainda, que existem algumas vantagens no uso do modelo *Open Archives*, sendo elas: maior rapidez na disseminação da literatura científica publicada nesses repositórios; acesso livre, ocorrendo maior rapidez na disseminação da informação científica; maior visibilidade dos trabalhos publicados; maior impacto (tendo acesso livre acontece uma maior visibilidade e por conseqüência maior possibilidade de ser citado); maior interoperabilidade com outros repositórios.

Quanto às ações empreendidas pelo IBICT para os arquivos abertos e a democratização da informação científica, destacou:

- a) pesquisa e acompanhamento do OAI desde início de 2000;
- b) implantação da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD);
- c) aperfeiçoamento da pesquisa e do ensino de pós-graduação, com o registro de teses e dissertações (depósito legal de teses eletrônicas);
- d) E-prints (Diálogo Científico);
- e) divulgação do Open Journal Systems, identificado no Brasil como o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), que tem por objetivo dar assistência na edição dos periódicos científicos, envolvendo cada uma das etapas do processo, desde a submissão, por parte dos autores, a avaliação, por parte dos consultores, até a publicação on-line e sua indexação;
- f) *Open Conference System*, desenvolvido em parceria com o Centro de Informações Nucleares da CNEN, o Sistema On-line de Acompanhamento de Conferências (SOAC);
- g) *DSPACE*, em parceria com a Portcom/USP, uma rede de informação na área de comunicação.

Salientou os principais marcos do movimento em favor do acesso livre à informação científica em nível internacional, de 1999 a 2005, ressaltando o Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à informação científica (13 de setembro de 2005) e a Declaração de Salvador sobre Acesso Aberto: A Perspectiva dos Países em Desenvolvimento (26 de setembro de 2005).

Apresentou a proposta de ações do Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à informação científica:

- a) Resultados de pesquisas financiadas com recursos públicos devem estar disponíveis em repositórios de acesso livre;

- b) Articulação com todos os segmentos da comunidade científica, como as agências de fomento; as associações e sociedades científicas; as instituições de ensino e pesquisa e os pesquisadores;
- c) Portal de Repositórios e Publicações de Acesso Livre, com a promoção de construção de repositórios e publicações de acesso livre.

Finalizou relatando que as ações empreendidas pelo IBICT criaram condições para o cumprimento de sua missão, enquanto organismo de governo responsável pela informação científica no país. Que é necessário o estabelecimento de uma política nacional de informação com base nos paradigmas do acesso livre à informação científica e que essas ações poderão propiciar um futuro menos dependente das revistas científica comerciais. O resultado da implementação dessas ações é uma maior inclusão científica, ou seja, um maior acesso à informação científica.

Destacou, ainda, que a adoção dessas ações não significa abrir mão da qualidade da publicação científica e que não se contrapõe à existência do Portal de Periódicos da Capes.

### **1.5 SciELO: uma iniciativa de acesso aberto**

Em seguida, a Dra. Regina C. Figueiredo Castro iniciou a apresentação, conceituando o Scientific Electronic Library Online (SciELO) ou Biblioteca Científica Eletrônica em Linha é um projeto conjunto entre a BIREME/OPAS/OMS, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e editores científicos, iniciado em 1997. Desde 2002, conta também com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O SciELO tem por objetivos:

- a) Contribuir para o desenvolvimento da pesquisa científica e fortalecimento das revistas científicas nacionais;
- b) Desenvolver metodologia de publicação e disseminação de resultados de pesquisa em formato eletrônico;
- c) Estruturar uma base sólida de indicadores bibliométricos para gestão do fluxo da comunicação científica nacional e regional (América Latina, Caribe, Espanha e Portugal).

Dentre as estratégias do SciELO apresentou:

- a) a publicação eletrônica em acesso aberto com medidas de uso e impacto;
- b) a indexação de revistas de qualidade para complementar índices internacionais;

- c) os enlaces com fontes nacionais e internacionais; trabalho cooperativo que permite gerenciar fluxos locais e regionais, movendo-os para o fluxo internacional.

As Coleções SciELO são formadas por revistas selecionadas com critérios comparáveis aos das melhores bases de dados internacionais.

Enfatizou que o modelo SciELO está baseado no acesso aberto, sem custo, das revistas científicas na Internet, desde o momento de sua publicação e permite utilização de outras mídias (vídeo, som, imagens) e publicação eletrônica em vários idiomas e formatos. A iniciativa da SciELO foi pioneira no movimento mundial de acesso aberto e a primeira em países em desenvolvimento.

Destacou as declarações do Movimento Internacional de Acesso Aberto que vem ocorrendo há vários anos, tais como:

- a) Budapest Open Access Initiative (2002);
- b) Bethesda Statement on Open Access Publishing (2003);
- c) Valparaiso Declaration for Improved Scientific Communication in the Electronic Medium (2004);
- d) Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à Informação Científica (2005), especificamente a Declaração de Salvador sobre Acesso Aberto nos países em desenvolvimento.

Acrescentou que existem condições favoráveis para o Acesso Aberto na América Latina devido a quase inexistência de editoras privadas, a possibilidade de financiamento público direto ou indireto e a cultura de cooperação regional e internacional. Salientou a tendência de minimizar custos de acesso à literatura internacional para os países em desenvolvimento e disponibilidade de indicadores de uso e impacto.

Apresentou as principais mudanças introduzidas pela SciELO no fluxo da comunicação científica nacional e a ligação com outras iniciativas de acesso aberto, sendo uma estratégia de promoção de enlaces das revistas SciELO com as grandes bases de dados internacionais, aumentando consideravelmente a visibilidade e as citações dessas revistas em nível nacional e internacional.

## **1.6 As agências de fomento e os projetos de Arquivos Abertos**

Com a palavra, o Dr. Edgar Lanzer enfatizou a relevância das apresentações anteriores, ressaltando seu aspecto esclarecedor em relação os Arquivos Abertos. Teceu

comentários sobre a importância das agências de fomento como apoio potencial aos projetos de Arquivos Abertos.

Destacou que ciência, tecnologia e inovação são itens distintos, apesar de que tudo é pesquisa, mas pode não ser pesquisa científica. A ciência é fonte de conhecimento. Os cientistas contribuem todos os dias com conhecimento básico. A tecnologia cada vez mais se apóia na ciência. A tecnologia é a busca por processos, por descobertas que sejam importantes para o bem estar da sociedade. Já a pesquisa para inovação é aquela que já passou pela ciência, pela tecnologia e é levada para a sociedade em busca de recursos financeiros. A busca pelo novo é uma das molas da ciência, tecnologia e inovação.

Muitos países têm criado agências de fomento para ciência e tecnologia e mais recentemente para inovação. Lembrou a questão da importância das patentes. Citou a questão do apoio a pequenas empresas e a questão da burocracia na distribuição dos recursos oferecidos pelos editais lançados pela FAPESC.

### **1.7 Debate**

A coordenação da mesa abre espaço para perguntas. A primeira pergunta elaborada foi: “Relativa à questão da informação científica, que ao se promover o acesso livre à informação dá possibilidade a outras pessoas de coletar idéias e utilizar o conhecimento divulgado em prol de seu interesse próprio, como por exemplo: um determinado *paper* pode dar origem a uma patente. Essa situação aconteceu, onde uma instituição de pesquisa conseguiu sintetizar uma molécula que o mundo inteiro estava procurando, porém o pesquisador, infelizmente, publicou o *paper* fornecendo todos os parâmetros e outro pesquisador patenteou o processo. Isto pode acontecer não só com os arquivos abertos como este fato realmente ocorreu com uma revista de acesso restrito. Como controlar isso?”

O Dr. Hélio Kuramoto esclarece que a colocação foi bem oportuna. Sabe-se que a comunicação científica é bastante cara. Temos que separar os tipos de documentos para acesso livre. Por exemplo, uma tese pode ter informação que resulte em uma patente, portanto, não deveria ter o acesso livre. Assim, o Open Archives tem mecanismos de restringir o acesso a certos capítulos. No caso de comunicação em revistas científicas, o próprio pesquisador tem que ter o cuidado em escrever, tem que elaborar o artigo científico de forma a não revelar certos dados que seriam possíveis de serem utilizados para a solução de um problema ou elaboração de um processo. Podemos citar a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) que está preocupada com o conhecimento relacionado à segurança nacional e outros. Informa, ainda, que nos EUA existe a cultura de patente. Os Open

Archives, de repositórios e das revistas eletrônicas, adotam o registro expresso da data de publicação, sendo que isto já garante o direito autoral, o que for publicado após é plágio. É importante o compartilhamento do conhecimento para diminuir a exclusão social.

A Dra. Regina C. Figueiredo Castro esclarece que a comunicação científica e o processo SciELO estão em um momento de transição, pois, a maior parte das revistas internacionais não aceitam artigos se eles forem colocados num repositório, porque existe esta preocupação de cópia. A própria definição de acesso aberto preserva a questão de direitos autorais.

Outra questão direcionada a mesa: “Não podemos satanizar questão das editoras comerciais, até porque elas foram criadas no ambiente acadêmico. A questão é que ao longo do processo elas deixaram de ser acadêmicas e passaram a ser comerciais. Neste contexto, duas questões: a primeira gostaria de saber se há alguma expectativa de política em Santa Catarina para apoiar a publicação de periódicos científicos e a segunda é para o Dr. Kuramoto, se olharmos o relatório da Associação de Bibliotecas de pesquisa dos EUA, em 2004, o custo de investimento de assinaturas em periódicos em uma única biblioteca, no caso de Harvard, que foi maior que todo o investimento no Portal da Capes. Podemos avançar mais na questão dos arquivos abertos?”.

O Dr. Edgar Lanzer toma a palavra e informa que este tipo de atendimento tem sido feito, já foram realizados vários investimentos para dar apoio à edição de revistas científicas e livros no estado.

Em relação à segunda pergunta, o Dr. Hélio Kuramoto esclarece que muitas vezes os portais existentes não atendem completamente aos pesquisadores. A Capes possui 9.000 títulos e, partes deste conjunto, não têm nenhuma representatividade aos pesquisadores. No contexto do Portal CAPES, o recurso da FINEP existe para promover repositórios e também publicação de revistas e, em breve, estarão sendo lançados editais para construção de repositórios.

A Dr<sup>a</sup>. Regina lembra que o SciELO e o IBICT vieram a se somar ao Portal Capes. Se não houvesse essa iniciativa, as revistas estariam dispersas no mundo da Internet.

Após estas colocações a coordenadora agradece aos palestrantes e ao público, encerrando as atividades da mesa, passando a palavra para a presidente da comissão organizadora do Evento, professora Dra. Rosângela, que convoca para o início da reunião dos editores de revistas da UFSC.

## 2 REUNIÃO COM OS EDITORES DA UFSC

Com o apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão (PRCE), da Universidade Federal de Santa Catarina, através da Pró-Reitora Prof<sup>a</sup>. Dra. Eunice Nodari, promoveu-se uma reunião com todos os editores de periódicos científicos editados na UFSC. Foi enviado ofício-convite a todos os periódicos registrados na PRCE e atualizado pela comissão do evento.

Estiveram presentes: os convidados: Dr. Hélio Kuramoto (IBICT), Dra. Regina C. Figueiredo Castro (SciELO) e Prof<sup>a</sup> Dra. Suzana Mueller (UnB), Prof<sup>a</sup>. Dra Eunice Nodari, professores e alunos dos cursos de graduação e pós-graduação da UFSC.

Estiveram presentes, também, alguns representantes dos editores de periódicos da UFSC como: professor Alcides Buss, Diretor da Editora da UFSC; bibliotecária Sigrid Karin W. Dutra, diretora da Biblioteca Universitária (BU/ UFSC); Cláudia Bomfá, editora da revista Engenharia de Produção On-line, do Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas (EPS), do Centro Tecnológico (CTC/ UFSC); Professor João Ernesto E. Castro, do EPS/CTC/UFSC; Fabiano Caruso, editor do *site* Extralibris; bibliotecário Daurecy Camilo, da BU/UFSC; Tânia Regina Ramos, da Pós-Graduação em Literatura/UFSC; professora Sonia S. Peduzzi, da Revista Brasileira de Ensino de Física, do Centro de Física e Matemática (CFM), da UFSC; Maria de Fátima M. Misturini, Bibliotecária da Faculdade Decisão; prof<sup>o</sup> Dr. César Floriano dos Santos, do Curso de Pós Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da cidade; Prof<sup>a</sup> Dra. Marisa Monticelli e Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Itayra Padilha, da revista Texto & Contexto, do NFR/UFSC; Prof<sup>o</sup>. Dr. Édio L Petroski, do CDS/UFSC.

A professora Dra. Rosângela, presidente da Comissão Organizadora do Evento, informa que foi realizado um levantamento dos periódicos científicos da UFSC, partindo da lista existente na Pró-Reitoria de Extensão. Foram identificadas 44 revistas na UFSC e editores, para os quais foram enviados ofícios/convite para o Evento. Alguns retornaram pela razão da revista não estar ativa ou dos servidores desconhecerem sua existência.

O professor Dr. Francisco, editor do periódico Encontros Bibli, promotor do Evento, propôs que todos os presentes se apresentassem, identificando seu objetivo na reunião, o que ocorreu no primeiro momento.

Durante a apresentação individual de cada participante, notou-se a expectativa das pessoas quanto à possibilidade da reunião resolver algumas questões relativas a edição de suas revistas na UFSC. Os representantes das revistas aproveitaram para destacar problemas enfrentados na publicação de suas revistas. Foi explicado que a manutenção da publicação das

revistas na UFSC tem se dado pela boa vontade e disposição de tempo por parte dos professores envolvidos com a comissão editorial. Levantaram-se também questões financeiras.

Foi questionado porque o Encontros Bibli não utiliza o SEER, uma vez que houve um treinamento aqui na UFSC. O professor Francisco informa que ainda não se adotou o SEER porque o CIN está aguardando a versão nova do SEER e que, talvez sobre esta questão o Dr. Kuramoto pudesse dar melhores esclarecimentos.

O Dr. Helio Kuramoto esclarece que é importante diferenciar as duas versões 1.0-1.9 e a versão 2.0. A versão 1.0 gerencia apenas uma revista e, caso se deseje gerenciar outra revista deve-se instalar o software novamente. Já a nova versão 2.0 vem com uma série de funcionalidades e melhoramentos. O IBICT fez um trabalho de tradução, porém antes de repassar esta nova versão para as instituições, o software está sendo submetido a um estudo mais aprofundado para posterior suporte técnico às instituições. Uma das grandes mudanças é que ele poderá gerenciar várias revistas ao mesmo tempo como, por exemplo, o caso da UFSC que poderá ter um servidor único com as suas 40 revistas instaladas, ao invés de um servidor para cada revista. A CAPES tem recomendado a todos os editores a utilizarem o SEER e o SciELO. Afirma, ainda, que é importante utilizar um padrão único por causa da compatibilidade entre os sistemas e o seu reconhecimento.

A professora Gleisy Regina Bories Fachin (CIN) faz uma explanação sobre a atuação do CIN na área da comunicação científica, de vários trabalhos de pesquisa desenvolvido nesta área, dando ênfase à questão da padronização de metadados, voltados aos periódicos científicos e seu reconhecimento em bases de dados referenciais nacionais e internacionais e, o porquê da idéia de propor a unificação e padronização dos periódicos da UFSC.

Fazendo um resgate, relata que o CIN, desde o seu início, atua em uma das áreas mais importantes do campo informação, na área de fontes e, conseqüentemente, na área da comunicação científica, ou desenvolvendo pesquisas, artigos, dissertações e teses.

Atualmente, o CIN conta com o Núcleo de Estudos em Informação e Mediações Comunicacionais Contemporâneas (NEIMCOC), o Núcleo de Informação, Pesquisas e Estudos em Educação Bibliotecária (NIPEEB), o Núcleo de Biblioterapia, Biblioteca Escolar e Leitura (NUBBEL), o Laboratório de Gestão e Tecnologia da Informação (LGTI), o Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos (LABCON), Laboratório de Tratamento de Informação (LTI), e outros em estruturação.

Conta também, desde 2003, com o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN), que vem dando maior representatividade ao CIN na área da comunicação científica.

Cabe destacar que o departamento disponibiliza gratuitamente a *Encontros Bibli*: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, desde 1996, a qual é fonte de pesquisa constante para professores do departamento. A Comissão Editorial do *Encontros Bibli* vem estudando a migração para uma plataforma mais adequada para a revista. Assim, já realizou no primeiro semestre de 2005, um primeiro treinamento na Plataforma SEER, desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Na época, optou-se em aguardar a nova versão do software original do Open Journal Systems (OJS), da University of British Columbia, sediada no Canadá, cujo objetivo é a construção e gestão de publicação periódica eletrônica. O Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), desenvolvido pelo IBICT, é baseado no OJS e atualmente é recomendado pela CAPES, para o uso nas revistas científicas brasileiras.

A comissão editorial do *Encontros Bibli*, com o apoio do CIN, do PGCIN e, em especial da Reitoria e das Pró-Reitorias de Pesquisa e de Cultura e Extensão propõe esta discussão, envolvendo toda a Universidade Federal de Santa Catarina, buscando a otimização de custos para a implantação da plataforma SEER, utilizando a migração da *Encontros Bibli* como projeto-piloto de migração para a UFSC possibilitando assim, a criação de um portal com todos os periódicos científicos da UFSC.

Deste modo, utilizando a revista *Encontros Bibli* como piloto, estaremos apresentando um modelo de periódico científico, desenvolvido e em constante adequação com padrões para periódicos, em nível nacional e internacional, relacionando-os aos nossos interesses de pesquisa e extensão. Que o trabalho conjunto entre o departamento e o IBICT possa ser efetivado, contando com o apoio da Reitoria e Pró-Reitorias de Pesquisa e de Cultura e Extensão e, obtenha como um dos resultados a padronização de metadados, aplicando normas nacionais e internacionais aos periódicos.

Efetivando parcerias, o CIN sugere que:

- a) o periódico *Encontros Bibli* torne-se um padrão a ser seguido na estruturação de um portal das revistas científicas da UFSC, usando a Plataforma SEER;
- b) o CIN consolide suas pesquisas e extensões, divulgando seu trabalho e promovendo a interdisciplinariedade entre as áreas;

c) seja solidificado um padrão de estrutura, facilitando as avaliações por parte das instituições nacionais e internacionais, inclusive o QUALIS.

Diante desta apresentação, o professor Alcides Buss lembra que a UFSC, via Editora, aprovou uma política de publicação de periódicos há alguns anos. Esta política previa que os periódicos buscassem uma auto-sustentabilidade, o que não aconteceu e as revistas não têm conseguido se manter. Aconteceu a publicação de alguns fascículos de algumas revistas, com uma tiragem de 500 exemplares. Teoricamente era viável, mas na prática não aconteceu, porque não se conseguia manter a periodicidade destas revistas, dependia do esforço da comissão editorial. Criou-se uma comissão para repensar a política de periódicos, incluindo os recursos eletrônicos e esta reunião é de suma importância para se dar um rumo à política de periódicos na UFSC. Um dos principais problemas é a questão econômica que não foi resolvida com a política de 1991 da UFSC. Questionou ainda quanto custa manter tecnologia e pessoal para cada revista ou quanto custa manter uma única estrutura/organização para todas as revistas da UFSC.

A professora Dra. Maria Itayra, na sua atuação junto a Revista Texto & Contexto, percebe que as publicações vêm se mantendo porque recebe apoio da Pós-graduação. Afirma que se está na mesma instituição e não se conhece o que está sendo feito quanto à edição das revistas. É emergencial que a UFSC invista e integre as revistas, tem que ser uma política institucional. Ainda ressalta que a revista, na qual atua, foi encaminhada pela terceira vez para análise e inclusão no SciELO, ainda sem resposta.

Dra. Regina informa que o SciELO só fornece a metodologia, não influencia na revista. Para a criação de um periódico, hoje no Brasil, destacam-se três momentos de descrição: 1) como fazer uma revista – padrão adotado; 2) SEER é um processo de fluxo da publicação, publicação do texto; 3) SciELO marca o texto em linguagem html e promovendo a disseminação.

A professora Dra. Miriam (CIN/PGCIN) informa que o Dr. Helio Kuramoto, do IBICT, antes de deslocar-se para o aeroporto, deixou como sugestão: “se todas as revistas da UFSC adotarem o SEER, podem ter um servidor único e um *webmaster*, com uma equipe para toda a UFSC”. Mas, o professor Francisco (CIN/PGCIN) afirma que também há outro problema comprometedor, a ser cuidado atentamente, que é o fluxo de editoração, de publicação, desde o recebimento dos artigos, avaliação, revisão dos artigos até a publicação de fascículo, em cada revista.

A bibliotecária Sigrid, Diretora da BU/UFSC, ressalta que ela e o funcionário Daurecy sempre colaboraram quando solicitados pelas revistas, principalmente na parte de elaboração de fichas e solicitação de indexação e, colocam-se a disposição para continuar com essa parceria em futuros trabalhos.

O professor Dr. César Floriano (Curso de Pós-graduação em Arquitetura/ UFSC), editor da Revista Síntese, declara que a revista está parada, por falta de estrutura adequada e por questões financeiras.

Neste momento, o professor Dr. Francisco propõe que o periódico Encontros Bibli do CIN/PGCIN e a revista do Curso de Pós-graduação em Arquitetura sejam projetos-pilotos na UFSC.

Então, a professora Dra. Eunice Nodari, Pró-Reitora de Cultura e Extensão da UFSC, toma a palavra e cumprimenta a todos. Destaca que a Pró-Reitoria deu todo o apoio à organização deste Simpósio por saber da importância desta discussão no âmbito da UFSC. A comissão criada em 2003, para estudar a questão de publicação das revistas na UFSC fez um bom trabalho, necessitando de atualizações.

A professora Dra. Eunice comunica que a partir de uma reunião com os pró-reitores da UFSC será formada uma comissão para rever e elaborar uma nova política de publicação de revistas na UFSC. Acredita que o primeiro parceiro será o CIN, pois tem que trabalhar com especialistas no assunto. Acredita que o primeiro passo esteja dado, agora precisa-se agir. A UFSC têm recursos e o que compete a Pró-Reitoria será feito. Também afirma que as revistas mantidas e publicadas pela Editora da UFSC serão reanalisadas. A política que for definida tem que ser política da UFSC e não da atual administração. Destacou que é preciso ter critérios de publicação, senão haverá uma proliferação de títulos de revistas.

O professor Dr. Francisco ressalta que será necessário, num primeiro momento, fazer o mapeamento das revistas existentes na UFSC.

A reunião foi encerrada com a afirmação de que será formada a Comissão para rever a “Política de Publicação de Periódicos Científicos da UFSC” e que esta atividade deverá ser feita o mais rápido possível.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando o curto período de realização do Simpósio (apenas um dia), conclui-se que os objetivos traçados foram totalmente atingidos. Foram eles:

- a) A possibilidade de contato com o coordenador do IBICT, Dr. Hélio Kuramoto, que afirmou a possibilidade de uso da nova versão do SEER que permite o gerenciamento de mais de um periódico científico, num mesmo servidor, o que permitiria uma disseminação por parte de todos os centros e departamentos, bem como dos programas de pós-graduação da UFSC.
- b) A presença da Prof<sup>a</sup>. Dra. Suzana Mueller, da UnB, pesquisadora sobre comunicação científica afirmando em sua palestra, que os objetivos do periódico Encontros Bibli, traçados a dez anos, encontram-se em plena execução, ou seja, permitindo o acesso livre à informação científica na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.
- c) O lançamento do 21º fascículo do Encontros Bibli, que busca constantemente por sua padronização, por suas indexações e seu reconhecimento em nível nacional e internacional. Aguarda a migração para um sistema eletrônico reconhecido – o SEER, por suas facilidades tecnológicas de gerenciamento, editoração e disseminação e, por fim, o reconhecimento das pessoas envolvidas e de seus ideais.
- d) A presença, embora pequena, dos editores e/ou responsáveis pelos periódicos existentes na UFSC, e outros externos que prestigiaram o evento, trazendo a discussão, o relato das dificuldades, deixando claro a necessidade de unir forças e trabalhar em prol de um objetivo único, pensando enquanto instituição UFSC e, pensar UFSC requer a participação dos setores acadêmicos, administrativos e políticos, neste evento representado pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, na pessoa da Pró-Reitora Prof<sup>a</sup> Dra. Eunice Nodari.

Conclui-se também que o CIN realizou o Evento, completando uma década de seu periódico, mostrando que faz pesquisa e dissemina informação na área da comunicação científica, colocando-se à disposição para dividir com a comunidade UFSC, seu conhecimento, padronizando e disseminando a informação científica local.

Com a confirmação da nova versão do SEER, que permite o gerenciamento de mais de um periódico, utilizando um servidor único, abre-se à possibilidade de criação de um “Portal de Periódicos Científicos da UFSC”, ou seja, a disponibilização dos periódicos científicos da UFSC, em um único formato – a plataforma SEER, alocados em um único servidor, alojado junto ao Núcleo de Processamento de Dados (NPD) da UFSC. Cabe destacar que o gerenciamento editorial de cada periódico ficaria sob a responsabilidade do centro ou departamento ou programa que edita a revista. Cabe ressaltar, que a padronização dos metadados e demais requisitos básicos de cada periódico e a sua busca pela indexação dos mesmos, em suas áreas específicas, ficam a encargo de cada periódico.

O CIN continua, com sua equipe de professores e pesquisadores na área da comunicação científica pesquisando e se atualizando quanto aos movimentos dos Arquivos Abertos, inovações tecnológicas na área e padrões nacionais e internacionais. Contribui com a área, na medida em que divulga e publica suas pesquisas, colocando-se a disposição para qualquer parceria em prol da divulgação organizada e reconhecida dos periódicos científicos.